



ESTÉTICA
DA MORTE

ALMIR NABOZNY & ANTONIO LICCARDO

PAISAGENS DE
CEMITÉRIOS

série referência
editora
estudiotexto

ALMIR NABOZNY & ANTONIO LICCARDO

ESTÉTICA
DA MORTE

PAISAGENS DE
CEMITÉRIOS

série referência
editora
estúdiotexto

© 2017 Almir Nabozny e Antonio Liccardo

Editora Estúdio Texto

Diretora Josiane Blonski
Editora-chefe Ana Caroline Machado

Fotografia
Antonio Liccardo

Capa, projeto gráfico e diagramação
Ana Caroline Machado

Supervisão editorial
Josiane Blonski

Assistente
Sidnei Blonski

Conselho Editorial

Dra. Anelize Manuela Bahniuk Rumbelsperger (UFPR)
Ms. Antonio José dos Santos (IST/SOCIESC)
Esp. Carlos Mendes Fontes Neto (UEPG)
Dr. Cezar Augusto Carneiro Benevides (UFMS)
Dr. Edson Armando Silva (UEPG)
Dr. Erivan Cassiano Karvat (UEPG)
Dra. Jussara Ayres Bourguignon (UEPG)
Dra. Lucía Helena Barros do Valle (UEPG)
Dra. Luísa Cristina dos Santos Fontes (UEPG)
Dr. Marcelo Chemin (UFPR)
Dr. Marcelo Engel Bronosky (UEPG)
Dra. Marcia Regina Carletto (UTFPR)
Dra. Maria Antonia de Souza (UTP/UEPG)
Dra. Marilisa do Rocio Oliveira (UEPG)
Ms. Rodrigo Labiak (UNICAMP)

Conselho Editorial ad hoc

Dra. Carla Silvia Pimentel (UEPG)

Ficha Catalográfica Elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos – CRB9/986

N117e Nabozny, Almir
Estética da morte: paisagem de cemitérios [livro eletrônico]
/Almir Nabozny; Antonio Liccardo. Ponta Grossa : Estúdio Texto,
2017. (Série Referência).
64p. ; il. e-book

ISBN: 978-85-67798-95-0

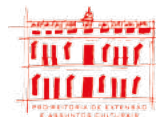
1. Fotografia - arte. 2. Paisagem - arte. 3. Cemitério. 4. Imagem
- morte. 5. Símbolo. 6. Cultura. I. Liccardo, Antonio. II. T.

CDD : 780

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade dos autores.

APOIO:



Rua XV de Setembro, 931 - Uvaranas - Ponta Grossa – Paraná – 84020-050
Tel. +55 (42) 3027-3021
www.editoraestudiotexto.com.br

PREFÁCIO

O filósofo e sociólogo alemão Walter Benjamin, ao falar sobre a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, disse que a fotografia possibilitava que as imagens fossem recolocadas em infinita circulação e, com isso, novos enunciados seriam construídos para essas imagens circulantes. O procedimento fotográfico que a partir de um meio técnico registra uma imagem, ainda hoje encanta as pessoas, que ao olharem uma foto, mesmo que de um lugar, pessoa ou objeto conhecidos, têm a sensação de estarem contemplando pela primeira vez aquela imagem. Talvez esse seja o novo enunciado a que Benjamin se referia. A fotografia nos permite ver de novo, ver pela primeira vez algo que sempre esteve ali. Esse olhar inédito é que fez com que a técnica fotográfica se transformasse em Arte Fotográfica. A partir de um mesmo objeto podemos fazer um registro fotográfico ou uma obra de arte.

Estética da Morte – Paisagens de Cemitérios não nos apresenta um catálogo de obras e sim nos traz um registro de viagens e lugares, feitos na perspectiva de um grande fotógrafo, emoldurado por um rico discurso de enunciados. O vínculo entre a imagem e o texto, nem sempre óbvio, o que é proposta dos autores, reforça a função da fotografia (ou da imagem) na contemporaneidade: o de criar um discurso imagético capaz de extrapolar o campo da visualidade em diferentes áreas do conhecimento. Ao escolherem um tema sempre polêmico e delicado como a morte, os autores nos levam a um passeio imagético por lugares – cemitérios - na Argentina, Chile, Piauí, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, enfim... lugares que descrevem espaços geográficos onde a morte pode ser entendida como fenômeno social, que se configura em parte integrante desse espaço.

Assim como nossas habitações em vida, nossas moradias em morte são representações culturais e sociais daquilo que um dia fomos. Habitamos em vida espaços urbanos e rurais que, muitas vezes, têm como fundo paisagens de florestas, desertos, vulcões, em tempos históricos diversos. Da mesma forma os cemitérios, condomínios de mortos, surgem próximos

aos locais onde moramos e vivemos em sociedade. As paisagens de cemitérios que aqui vislumbramos se integram ora a uma floresta de eucaliptos, ora a um vulcão em atividade, a uma região desértica, a uma floresta de clima quente e úmido, paisagens que caracterizam a vida daqueles que não aparecem nas fotos, mas estão presentes, habitam aquele espaço.

Podemos pensar os cemitérios sob diferentes perspectivas: como um lugar de tristezas; um lugar de despedidas, como um último lugar, um lugar místico, território dos mortos ou espaço de manifestações culturais e religiosas. Porém, nenhum lugar criado pelo homem, ou mesmo pela natureza, revela como os cemitérios, o que Nabozny e Liccardo, tão apropriadamente chamam de “Poética da Existência”. Quando lemos uma lápide, vemos os ornamentos de um jazigo ou apreciamos uma bela escultura tumular, contemplamos a existência de alguém, de um ser humano, de uma pessoa que pode ter vivido poucos minutos ou muitos anos. De um homem ou de mulher, de uma criança ou de um idoso, de alguém de muitas ou poucas posses, belo ou não, feliz ou infeliz, de alguém que teve seu espaço no mundo ou de alguém que passou pelo mundo. Todo habitante do mundo nasce e morre e, ao cumprir este ciclo, se torna parte fundamental deste cosmos.

Os cemitérios são paisagens que sempre nos confrontarão sobre o significado e o sentido da existência do outro e de nós mesmos. *Estética da Morte – Paisagens de Cemitérios* nos traz o prazer estético da Arte, da visualidade a partir da fotografia e o prazer enigmático da busca por respostas sobre a relação entre vida e morte. A cada imagem, a cada linha de texto, somos compelidos a admitir nossa frágil existência humana, a qual um dia fará parte da paisagem que agora se apresenta.

Nelson Silva Júnior
Professor de Artes, Fotografia e Cinema
Universidade Estadual de Ponta Grossa

ESTÉTICA DA MORTE: PAISAGENS DE CEMITÉRIOS

NOTA METODOLÓGICA ou uma homenagem póstuma à Ciência Moderna (sátira à pós modernidade).

Embora no texto o autor maneje alguns recursos teóricos pertinentes à ciência geográfica, em termos de método de produção a *hermética científica* dá lugar a uma “inspiração literária”, e sustenta-se, ainda que cambaleando, na forma narrativa de “armarinho de miudezas” (Wally Salomão, 1993).

Um plano teórico densamente habitado por cadáveres vivos – a prática social da citação intelectual /*nossos rituais zumbis*?/ Isto Não é Um Artigo.



“A Traição das Imagens – Isto Não é Um Cachimbo”. Pintor: René Magritte. Imagem extraída de: <http://lavrapalavra.blogspot.com.br/2011/09/traicao-das-imagens-isto-nao-e-um.html>. Acesso em 08 de dezembro de 2016.

Um diálogo entre as fotografias de um geólogo/fotógrafo com o olhar de um geógrafo. Ao considerar uma fotografia na sua singela “existência” como um rico discurso, optou-se por não produzir um texto linear ou seduzir-se pela estratégia da descrição, em que as fotografias ocupariam um diminuto papel ilustrativo. Ao contrário, procurou-se construir parágrafos, trechos e excertos com conexões nem sempre óbvias, como se assim esses fragmentos de pensamentos expressos em textos remetessem o leitor a “imagens de paisagens” fotográficas.

LEITURAS EM AMBIENTES PÓS-COLONIAIS?

Prólogo-PluriUniversal - Não há um depois da ocupação branca dos territórios, em busca de recursos naturais, da maior concentração de garimpos de metais ou diamantes, há diferentes resistências dos objetos dos cemitérios às intempéries do tempo (da natureza humana): cruz, cerca de madeira, caveiras e flores de papel.

NATUREZA DO REGISTRO?

Um Quase Turismo: algumas montanhas, vulcões, áreas de mineração: “testemunhos geográficos da geodiversidade e da biodiversidade” - o processo fotográfico, aquilo é visitado com intencionalidade.

PATRIMÔNIOS DA HUMANIDADE?

“Calavera con plumas” - detalhe da obra de Ricardo Pérez Alcalá, exposta na Plaza de las Culturas no centro de La Paz, Bolívia. Nas culturas andinas, assim como em outras no mundo, a morte é uma entidade quase familiar, parte de um processo natural e que é muitas vezes reverenciada como um parente. Caveiras e esqueletos fazem parte do dia-a-dia destes povos também na forma de ornamentos, joias e obras de arte.





MODELOS, MATERIAIS E MÉTODOS. UM ANTI RELATÓRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

As fotografias, enquanto imagens, remetem a uma projeção plana de impressão de um momento, à captura seletiva de um olhar simbólico mediado por uma técnica fotográfica e pela tecnologia do aparelho – prótese de extensão do humano. Sua consciência de realidade é inspirada na arte ⁹. Um texto diferenciado (apresentado no conceito de fotografia) que por si só remeteria à importância de uma “hermenêutica do humano”.

A temática da morte, aprioristicamente associada à forma espacial/cemiterial, conduz a uma espécie de “espionagem da vida”, como se possível fosse olharmos para a materialização ocupada pelo cadáver como “o fim e o recomeço das relações sociais que nos constituem” (teleologia). Ao consideramos a poesia como um tipo de ludicidade na concepção da vida – paisagens de cemitérios expressam também uma poética da existência e resguardam na memória uma vida bela. Sua estética de morte tem muito a ver com as práticas sociais de sobrevivência física e as “razões utópicas” da imortalidade.

Há inúmeras possibilidades “literárias de narrar cientificamente” a representação de “um mundo moribundo”: extinção dos humanos da superfície terrestre, desastres ecológicos e os papéis do “modo de produção capitalista” na “vampirização da vida”. Vivemos em riscos, com incertezas e angústias decorrentes da morte de inúmeras representações “das certezas” (controle, rigor, previsibilidade, pragmatismo, etc.).

O pensamento apresentado nesse trecho é uma reflexão efetuada por Andrea Rita da Silva Nabozny em nossos diálogos cotidianos (ver NABOZNY, 2016).

Corpo mumificado em exposição pública num museu privado no norte da Argentina – Humauaca. O clima seco da região permite a conservação de material orgânico por muito tempo.

Em São Pedro do Atacama, Chile, foram realizadas pesquisas científicas sobre o genoma humano. Análises do DNA da população e de múmias expostas em museus mostraram uma compatibilidade importante. Estes cadáveres eram sim ancestrais da maior parte da população. Por respeito às tradições, as múmias foram retiradas da exposição pública, como parentes que são - ou foram – de todos ali. Em última instância, não seríamos todos parentes com ancestrais africanos?!



DIGRESSÃO DO CAMPO CIENTÍFICO. Uma razão cínica? Se uma fotografia vale por mil palavras, uma fotografia tem o valor de um resumo expandido? Contabilidade lattesiana.

Continuemos a escrever sobre imagens fotográficas de cemitérios e suas interpretações estéticas por meio da fotografia, isto é: o que há para além dos “sete palmos da cova”, pois também é a dimensão do belo que curva o espaço da superfície terrestre para além de sua expressão formal do “relevo”.

Profundidade e superficialidade parecem “ser” adjetivos ausentes na qualificação de planícies e planaltos (habitantes do mundo também são a matéria-prima “originária” das geomorfologias que produzimos mesmo depois de socialmente mortos).

DIGRESSÃO DA NARRATIVA E A ESCRITA DA HISTÓRIA:

Esse é um desestímulo ao ato de escrever, mas insistiremos em enfrentar a “solidão da folha vazia” em que as paisagens dos cemitérios são impressas “pelo filtro” do “olhar do fotógrafo” - que busca outros ângulos, para contar histórias universais em diferentes ambientes com o desejo de assim apontar “como essa história seria não/registrada” em outros olhares, por outras pessoas? Uma procura de produzir uma visão singular da fotografia. Onde está a diferença? Quando essa “identidade” pode ser também alteridade?

--- Ah, então farei diferente. As paisagens “aqui representadas” como espacialidades da solidão, do recolhimento, da introspecção, do trabalho espiritual, do comércio de simonias modernas (santos urbanos não canonizados que trazem maridos de volta e curam os filhos dependentes do álcool ...), ou a tumba do velho curandeiro – que continua a curar desde feridas em animais às dores da alma humana. Sentimos “tudo isso” em companhia de um cão preguiçoso que faz pose para o fotógrafo de cemitérios, fingindo contemplar a sua própria sombra. VIDA E MORTE SÃO EXPRESSÕES DIALÉTICAS.

CAMPOS SANTOS

A MORTE E AS CIDADES, UMA NARRATIVA RACIONALISTA

Em “As Intermittências da Morte”, José Saramago (2005) produz uma narrativa a partir da figura da “velha caveirinha” que resolveu fazer greve, pintando assim “uma paisagem urbana” ●, de uma cidade em desordem, figurativa de “um caos”/causado pela ausência da morte (O CAOS, O DESCONTROLE/ARQUÉTIPO, antítese da segurança almejada pela ciência moderna/é possível adiar a morte, não evitá-la). As pessoas não morriam, mas também não tinham vida. A figura do moribundo exerce “uma espécie de súplica” - para que a sua santidade, a morte – resolva “dar o ar da sua graça” - novamente.

“VER” NAS FOTOGRAFIAS DESSE LIVRO: A morte como emoção: estátuas, templos, imagens de santos e túmulos harmoniosos com o “ambiente natural”. O trabalho é “detido” pela imagem de uma câmera fotográfica, por meio de uma visão “do trabalho artístico”. A arte como trabalho de invenção humana. “Clicks” de viagens no “sul do mundo”. Uma intervenção que ao representar a vida constitui o seu espaço de morte, onde habitam os resquícios dos corpos e os materiais permanentes e intangíveis (a intangibilidade da matéria) dos rituais humanos de morte.

Recomenda-se ler em Besse (2006) a discussão referente ao intelectual italiano Petrarca.



Relações de vida e morte – dia de finados num cemitério em meio a um reflorestamento de eucaliptos – Irati - Paraná.



Atenção ao Perigo - Frontispício do Cemitério do Carmo em São João del Rey – Minas Gerais.



Cemitério de San Pedro de Atacama e ao fundo o vulcão ativo Licancabur – presença respeitada pelos humanos que ali se instalaram – Chile.



"Lasciate ogni speranza voi che entrate". Trecho da Divina Comédia de Dante Alighieri.
Portal de entrada do Cemitério da Chapada em Ponta Grossa - Paraná.



Construções em alvenaria caiada sobre arenitos em Mucugê, na Chapada Diamantina são conhecidas como Cemitério Bizantino. A riqueza dos diamantes da região e uma epidemia de cólera em 1855 levaram à construção deste local, onde a rocha não permite o enterro a "sete palmos" para baixo.



Cemitério para mineradores em região desértica no altiplano Argentino – San Antonio de Los Cobres. Nesta mina, que há muito tempo está abandonada, o local é conhecido como *Socavon de los Muertos*.



O Cemitério do Contestado é um marco de visitação à memória do Brasil.

Testemunha o confronto que entrou para a história como sendo o primeiro combate da Guerra do Contestado (1912 - 1916) denominado "Combate do Irani".

Na ocasião morreram, entre muitos outros, o Coronel João Gualberto e o Monge João Maria, líderes de ambos os lados da disputa.

Município de Irani, atualmente em Santa Catarina.





Túmulo do Coronel Francisco Dias Coelho em capela construída dentro de sua própria fazenda, em Morro do Chapéu, Bahia. Esta região foi uma das áreas mais ricas do mundo na produção de diamante no século XIX e o sertão baiano foi palco de uma guerra de coronéis pelo domínio das lavras. Os enterros dentro de capelas (*ad sanctos*) garantiam a bênção do último descanso.



Pesquisas arqueológicas identificaram o cemitério da antiga missão jesuítica de Loreto, próximo a Posadas, na Argentina. O clima quente e úmido ao longo dos anos fez com que a floresta ocupasse novamente o terreno, praticamente eliminando os vestígios da atividade humana na paisagem e os registros de memória de um lugar próspero e florescente, como já foram as Missões Jesuíticas na América do Sul.

SIMBOLOGIA E FÉ

SANTOS E LINGUAGENS, RELIGIOSIDADE, MISTICISMO. SARAVÁ PRA TI TAMBÉM!

A leitura do mundo “pela metáfora” dos textos pode ser racional (textos que demonstram a formação da “urbe” higienista como responsável por “excluir os mortos da cidade dos vivos), mítica territorial (os cemitérios como símbolos de limites (marcadores) entre o território dos vivos e as “**dimensões espaciais dos mortos**”);

Não se deve excluir a ideia contemporânea da morte “enquanto companhia”, que tem como esconderijo especializado os hospitais (lugares sem lugar?). A morte sem dor (anestesiada), mas também a ideia de luto como algo adverso da dor, sinônimo(s) de lembrança afetiva do defunto, como admiração professada em rodas de conversa em velórios ou/ “a vida dos mortos como lembrança dos vivos”. /Ou ainda outras concepções de mortes as quais concebem aquilo que a cultura ocidental chama de morte, como uma passagem para a paisagem habitada por outros bichos. Morre-se também por encantamento/.

+++



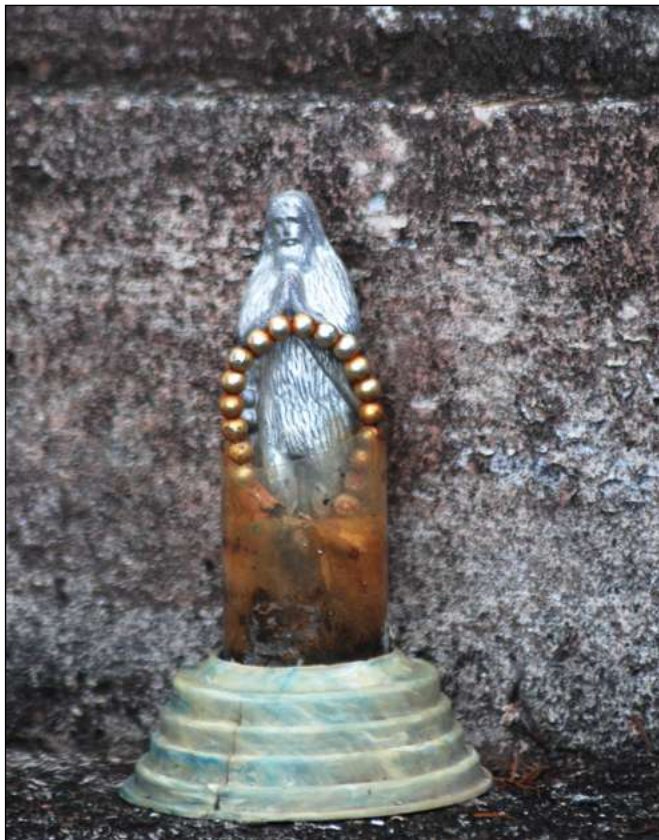
Representação da Santa Ceia sustentada pelas mãos, com flores de plástico no Cemitério Municipal de Castro, no Paraná.



Nascimento e morte – Marcos da vida registrados em muro de concreto do Cemitério da Chapada, em Ponta Grossa, Paraná.



Objetos sacros de manufatura moderna simbolizam a devoção dos familiares – Cemitério Municipal de Castro, no Paraná.



Objetos sacros de manufatura moderna simbolizam a devoção dos familiares e mostram sua resistência às intempéries – Serão plásticos quase eternos? Cemitério Municipal de Castro, no Paraná.



Segurança na preservação de estatuária sacra e a garantia do olhar atento e protetor através do vidro. Cemitério de Catanduva, em Carambei, Paraná.



Instabilidade emblemática da última morada, no Cemitério de Catanduva, em Carambeí, Paraná.

ARTE E INTERFERÊNCIAS

Se Ítalo Calvino ● elege a cidade como símbolo de nossa civilização moderna, os cemitérios (enquanto espaços de mistérios humanos) são “aqui” escolhidos para apresentar a morte e seus diferentes símbolos, suas diferenças e semelhanças, produzindo paisagens da morte, como leitura fundada em uma “estética emocional” - o foco não é a exponencialidade da estátua do anjo ou se é o anjo da capa do disco da banda de heavy metal Angra ● - a importância não é quantitativa e tampouco canônica.

O geólogo/fotógrafo Antonio Liccardo “aconselha” a ler no mármore algo que escorre, e simula uma “verdadeira lágrima” que molha o rosto do anjo (OS OBJETOS REPRESENTADOS E AS SENSAÇÕES POSSÍVEIS). Se é fuligem do cano de escape automotivo (urbano?) que quer colorir o rosto da estátua ou são cinzas transportadas de um “vulcão”, não importa! O valor está em reconhecer a relação entre o mundo dos vivos (escultor, ente querido, espiritualidade, etnias, etc.) e a natureza transformada (escultura) /como?! é necessário uma pergunta: “onde ela se localiza” (?) (referência fotográfica e o seu papel enquanto discurso imagético na produção de Geografias).

Em uma montanha no Chile (paisagem desértica?), em uma espécie de cemitério à beira de um “vale encantado” na Argentina, no deserto, no centro antigo de Curitiba-PR (o cemitério como um documento histórico/geográfico da cidade de Curitiba - ver o trabalho de Clarissa Grassi, 2016), em uma densa área de recente migração holandesa

- As cidades invisíveis (2002).

- Referências às pesquisas de Nabozny (2003) no Cemitério Municipal São José em Ponta Grossa-PR onde há um túmulo frequentemente fotografado por jovens fãs de Heavy Metal (figura de um anjo similar a capa do disco Angels Cry, 1993). Ainda que o cemitério seja frequentemente associado como espacialidade do movimento gótico.

para o Brasil, na rota dos tropeiros (trecho do Paraná “tradicional”- BR), nos “caminhos dos minérios” (Minas Gerais, Bahia). As fotografias nessa leitura já não são mais imagens, mas imagens constitutivas de paisagens da morte. São estudos de casos, são trabalhos de campo e viagens fotográficas por diferentes cemitérios.



Alegoria à ascensão surgindo de um leito de rosas sem espinhos, como as rosas do Éden. Escultura em mármore de Carrara em tamanho natural que, frequentemente sofre “pinturas” e maquiagem no cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba.





O mármore de Carrara eternizou expressões e sentimentos no mundo todo, desde o Império Romano. Crianças são representadas frequentemente em cemitérios como símbolos de inocência e a fatalidade de vidas ceifadas precocemente. A suavidade do mármore polido deve refletir a eterna lembrança dos primeiros anos da vida do ser humano. Estatuária do Cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba, Paraná.



Diferentes maneiras de morrer? Por que se morre?

Por vezes EU “compreendo” como uma espécie de arquétipo da sexualidade ao avesso. Tal qual a morte seria outro arquétipo dos comportamentos modernos ocidentais, representada nos quadros e pinturas interpretadas por Philippe Ariès (2003) ●, em que a morte paulatinamente sai da casa da família - os avós viram estrelas encantadas a brilhar na noite escura. A morte já não é meramente uma questão técnica representada pelo especialista no assunto – o médico (sic). A morte é também parte da educação humana mediada pelas fábulas e fantasias.

Em paralelo com a sexualidade, imagens e audiovisuais ambientam “o sexo” como pornografia. A consciência do nascimento, “gestada na barriga de uma mãe”, é ao mesmo tempo a morte da cegonha e outros pássaros míticos. (...).

- Consciência biológica de reprodução da vida e do corpo - ;

(Nem ao bem e nem ao mal. A morte, o sexo, as pulsões e os desejos como “experiências plenas” da vida “nos seus” sentidos amplos). NASCIMENTO!

Narrativa também reproduzida em: José L de S. Maranhão (1986) – O que é a morte.

Aquilo que o “MEU ESTEREÓTIPO” de um grande viajante *naturalista* iria definir (“taxionomia”) como outros, os objetos não identificados, sem descrição e valor. Uma abordagem *cultural*.

As práticas sociais e os objetos nesse trecho relatados são oriundos do projeto de pesquisa “O espaço simbólico da elite pontagrossense: Cemitério Municipal São José” (Almir Nabozny, 2003) a partir de em diálogo com o texto de Eduardo C. M. Rezende (2000). Também em visitas e aulas de Geografia no Cemitério (NABOZNY e ORNAT, 2005) as crianças que estudam no Colégio Estadual Júlio Teodorico (localizado próximo ao cemitério) relataram utilizar o local

como cenário especial para brincar de “esconde e esconde”. Curiosamente em outra pesquisa (NABOZNY, 2013) foi constatado “ser” o cemitério um “ponto de referência simbólica”, um local onde no seu entorno ocorre a oferta da “prostituição”, bem como referência espacial que nutre “imaginários daquilo que não é vivido” - as experiências de “todos os outros” (imagens da margem).



O uso de rochas locais, como o granito Rosa Curitiba e o diabásio, na arquitetura cemiterial mostra uma cultura identitária que reflete a abundância destes materiais na geodiversidade regional e o uso da técnica de cantaria, frequente numa certa época.

Somente num antigo cemitério de Curitiba se encontrariam tantas peças esculpidas em granito Rosa Curitiba.

Exemplos dos detalhes de cantaria em rocha do cemitério São Francisco de Paula.



Múltiplas interpretações podem ser inferidas em certos simbolismos cemiteriais, como na enigmática escultura de duas faces do cemitério São Francisco de Paula em Curitiba, que parece indicar o mundo das sombras e o mundo da luz contrapostos em direções antagônicas ou pode significar uma vigilância de todos os lados. A singela ornamentação com rosa de plástico, no Cemitério Municipal de Castro, mostra um improviso que traz o colorido da esperança sobre o cinza da morte.



Estatuária sacra “mergulhada” em cimento sugere uma dúvida sobre o que perenizar. Cemitério de Tamanduá em São Luís do Purunã, Balsa Nova.



Não obstante a intenção de eternizar palavras ou rostos entalhando as rochas, a natureza mostra seu inexorável ciclo em seus processos intempéricos e biológicos.

A vida se desenvolve sobre monumentos associados à morte, numa perfeita relação entre biodiversidade e geodiversidade. Palavras entalhadas em mármore desaparecem pelo excesso de zelo na limpeza com produtos modernos.

Mármore e calcários são dissolvidos por ácidos.

Cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba, Paraná.



DESERTO E MONTANHA

TRILHAS SONORAS E FUNERAIS

Essas paisagens da morte em cemitérios retratam também uma imagem de Geografia Poética: “Morre-se Assim/e de supetão” (Jorge Mautner em “O Filho do Holocausto”). O nosso desejo aqui é da arte como obra de arte, não há nenhuma necessidade de certeza, utilidade pública ou previsibilidade daquilo que se pode sentir, nesse convite para contemplar as paisagens da morte. Há de desvencilhar-se de qualquer modo de hierarquia, a não ser o valor dado por diferentes grupos humanos ao seu espaço de morte pelo qual se vive (Ref. a Funeral de um Lavrador – Francisco Buarque de Hollanda).

O que fica para dentro e o que fica de fora: uma concepção a-territorial, estratégias de visibilidade

Grandes muros separam os cemitérios dos vivos ou pequenas cercas que mal se sustentam no solo arenoso. Por dentro grandes jazigos, terrenos demarcados por uma cruz fincada na direção da cabeça do morto sepultado, um pequeno tecido bordado conforme uma determinada tradição étnica, um rosário pendurado na cruz, coroas e vasos de flores, um litro de cachaça e, muitas fotografias nos túmulos e mausoléus. As “pretas e brancas” em que sujeitos “aparecem” com trajes formais em geral são as mais antigas, os novos retratos são coloridos e representam cenas alegres da vida do morto em vida (na pescaria ou com a camiseta do time de “futebol do coração” ...).

A estátua de bronze *é sempre furtada* pelos viciados em crack: o capital simbólico vira capital/capital, moeda de trocas. Então, a estátua é novamente reposta no legítimo túmulo do filho que foi um herói para o seu pai. Há também

parentes que abandonam seus mortos ao esquecimento, “famílias se extinguem”, outras “nunca saíram do poder” (mausoléus de prefeitos, barões, são quase mini cemitérios “dos reis” na escala dos cemitérios). Mulheres sustentam suas famílias com o seu trabalho de “zeladora de túmulos”, um ofício passado de mãe para filha. Raramente são ofertados concursos públicos para coveiros, os quais são também personagens invisíveis e que sequer são entrevistados nos noticiários locais sobre o “dia de finados”.

Un velero traje ilusiones
de verdes esperanzas
que intentaron colorear
estas extensas pampas

Pero el oro blanco
que fue la atracción
cambió su precio
y también la ilusión

Quedaron aquí cuerpos secos
de tanto sudar
y este suelo regado
por tanto llorar

Los gemidos de pena
el viento los llevó
y el sol calcinante
este suelo secó

Texto encontrado no cemitério do Pueblo Pampa Unión, Antofagasta, Chile. É uma vila fantasma em pleno deserto, que tinha sua economia voltada à exploração do salitre na primeira metade do século XX. O assentamento foi criado como uma vila para doentes da mineração do salitre e decaiu nos anos 1930 em função da Grande Depressão na economia mundial.



Portas abertas – cemitério abandonado em Pueblo Pampa Unión – Atacama – Chile.



Madeira e outros materiais orgânicos não apodrecem facilmente pela baixíssima umidade do lugar. O ferro e o cobre também se oxidam pouco, o que dá uma sensação de maior permanência e até mesmo de atualidade.



Cemitério abandonado em Pueblo Pampa Unión – Atacama – Chile.



Cemitério de mineradores próximo a uma antiga mineração em San Antônio de Los Cobres, no altiplano argentino. Muitos foram vítimas de explosões na mina e outros na construção da ferrovia que corta os Andes até o Pacífico.

Os acasos - galinhas ciscam o chão das sepulturas recém abertas a procurar por minhocas frescas (também morresse no interior do mundo com procissões e três punhados de terra).

DIGRESSÃO ACADÊMICA INTERSUBJETIVA: Outros irão pendurar no futuro os seus currículos lattes em frias lápides dos granitos no “forte inverno”. O que eu vejo não é exatamente o que eu escrevo. Exorcizando vários tipos de fantasmas nos obituários de intelectuais.

As “condições naturais” mantêm o cadáver perto da “figura de um vivo”, mas não é um vivo, um cadáver preservado (*sic*) – um corpo petrificado? Ou seriam expressões ambivalentes de nossos sentimentos para com outros seres humanos (Yi-Fu Tuan / Paisagens do Medo, 2005) – paisagens habitadas pelo medo de natureza humana – os fantasmas. Possível de ser metaforizado pela anedota da esposa que grita em torno do caixão, pois deseja partir junto com o falecido, e ao finalmente escorregar e cair na cova aberta, imediatamente pede ajuda para sair. Paisagens do medo, não possuem a pretensão moderna de serem “verdades”. Ainda diz Tuan: se acendermos a luz do quarto e o medo da criança passar, é por simplesmente existir no escuro uma paisagem do medo. Assim, os cemitérios parecem também enriquecer-se de mistérios ao anoitecer, ou ainda, corresponder à forte mensagem “dos mistérios da meia-noite” (vampiros, lobisomens, quaresma, exibição de filmes eróticos, sessão de cinema da meia noite, lua cheia, Zé’s do Caixão e Ramalho).

A própria escolha em fotografar-se à “luz do dia” é uma composição ambiental. O que não implica em nenhum momento que não possamos *contemplan a vida no cemitério, como amantes góticos ou poetas românticos*, deleites, tomar conhaque nos “saraus cemiteriais” em madrugadas frias ou noites tropicais quentes (imagens de tabernas de pedras).

Aliás a “indústria do turismo” já se apropriou desse fetiche humano - “Que falta de respeito, bravou uma senhora muito devota!”

E o vento sopra, tanto erodindo as peças dos cemitérios quanto esculpindo imagens não imaginadas.



Flores de papel são as únicas que resistem às temperaturas escaldantes do deserto, por isso estão sempre presentes no cemitério de San Pedro do Atacama, Chile.



O sol e o colorido tornam os cemitérios mais alegres no deserto. Quebram a aridez da morte. San Pedro do Atacama, Chile.

Para não dizer que não se falou das flores (do olhar profano), a ideia de campo santo toma forma espacial com muita consistência. Os portais conferem sentidos às toponímias que batizam os cemitérios em diferentes representações dos “espaços posteriores da morte”: Municipal de São Benedito, Morada do Sol, Cemitério São João Batista, Recanto da Paz (etc.), além dos cemitérios especializados/institucionais (de religiosos, militares ...).

O terreno também recebe inscrições cívicas, a bandeira do Chile é fotografada com o mesmo prestígio que o grande cruzeiro figura em uma das extremidades dos “*cemitérios/não pagãos*”, às vezes em oposição ao portão principal. Assim, os vivos chegam, são recepcionados por seus símbolos e alimentam o desejo de partir. No cemitério se vai de passagem (negação do lar como espaço vivido?), o que construímos não nos pertence mais?

+ + +

Um narrador já falecido conta a história de seu velório, um encontro que reuniu muitos amigos, histórias e até poemas. Assim, ao chegar ao cemitério foi uma grande festa, mas que finalmente sentiu que havia morrido quando os amigos partiram e ele teve que ficar – morto sepultado. Outros desejam que suas cinzas sejam lançadas no mar, de cima de uma montanha ou para adubar árvores nos jardins dos mortos (digressão em homenagem a Gabriel Garcia Marques misturado com Eric Dardel).



Muitas vezes os túmulos devem ser elaborados acima do solo, quando o substrato local é rochoso ou duro. O cemitério assemelha-se às cidades e vilas com suas construções e distribuição espacial. Cemitério no interior de San Carlos, Argentina.



Há uma relação muito próxima da vida com a montanha nos Andes. Ao fundo a elevação é conhecida como Paleta do Pintor, pelas cores que adquire ao longo do dia e pelas diferentes camadas de rochas e argila. Túmulos e covas singelas também emprestam seu colorido em Maymará, na Argentina.



Um acidente com uma família em estrada no meio do deserto recebe homenagens de tempos em tempos. O local do passamento no limite entre a estrada e a vastidão do deserto, no Chile, é sacralizado.



Cemitério bizantino em Mucugê. Construções em alvenaria caiada sobre arenitos na Chapada Diamantina relembram uma época de riquezas distante e influência estilística europeia no sertão baiano.



Aos pés da montanha, no mesmo cemitério bizantino, túmulos em areia e covas rasas foram o destino para os que tinham menos posses. Mucugê, Bahia.

OS MORTOS E OS VIVOS



O túmulo de Maria Bueno, no Cemitério São Francisco de Paula em Curitiba, atrai muitos devotos em busca de graças. Uma capela construída em torno do túmulo recebe muitas pessoas em seu interior, com altar e venda de objetos para a manutenção do local. A visitação é possível por poucas pessoas simultaneamente, muitas vezes gerando filas de espera no exterior.



A quem se destinam as moedas e outras oferendas aos mortos?

Moedas, coroas, litros de bebidas alcoólicas, galinhas em encruzilhadas, terrenos nos quais são possíveis a dança dos vivos com mortos (?).

Os cemitérios como templos humanos.

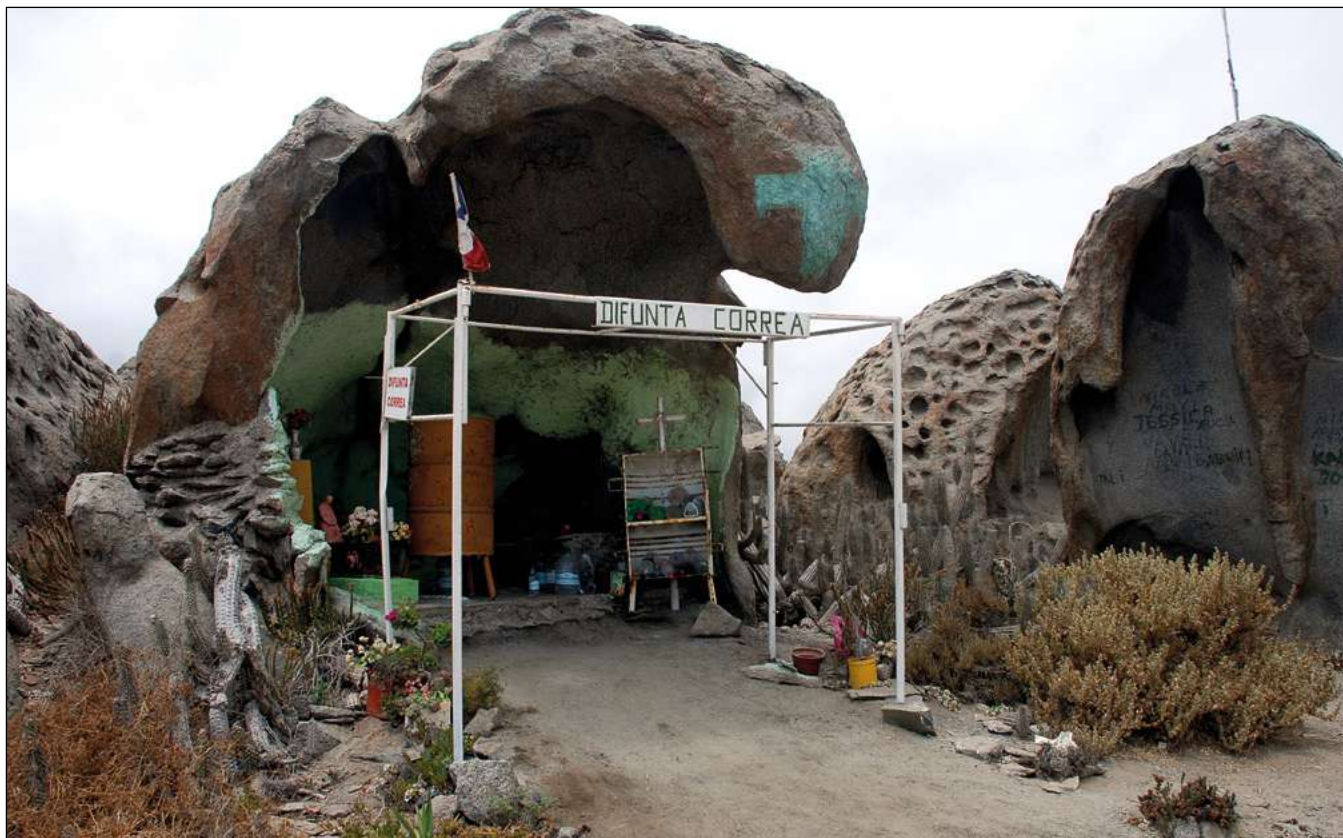
Uma antítese à figura social do indigente.



Oferendas em túmulo abandonado no cemitério de Pueblo Pampa Unión – Atacama - Chile.



Oferendas ao túmulo de criança no cemitério de Pueblo Pampa Unión – Atacama - Chile.



A Difunta Correa é muito cultuada no Chile como milagreira e recebe homenagens em todo o país. De pequenas cruzes à beira da estrada até este abrigo rochoso em Caldera (Chile), os locais recebem homenagens de flores, bebidas, moedas, etc.



Num deserto as bebidas e a água são mais valorizadas que qualquer outra coisa. Em muitos locais na beira de estradas na Argentina e Chile a Difunta Correa recebe homenagens com garrafas.

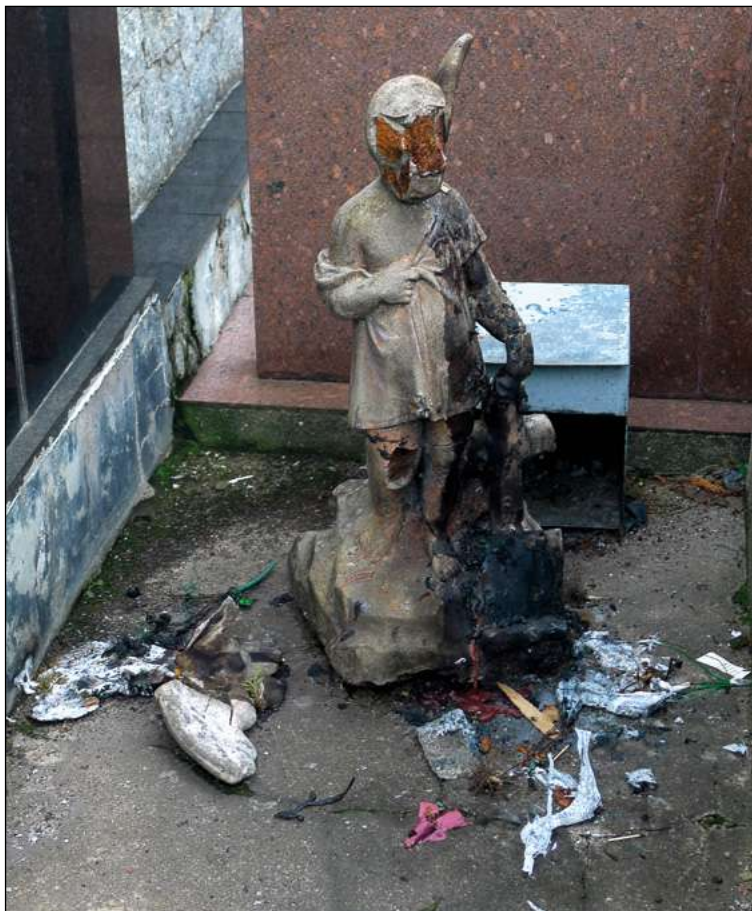
Há uma associação com o tipo de morte e os possíveis milagres atribuídos a esta moça argentina que, ao seguir pelo deserto com o filho recém-nascido, acabou morrendo de sede. Consta que seu corpo foi encontrado por viajantes, com o bebê vivo nos braços e ainda mamando.

Abrigos em Quebrada de las Conchas e em Jujuy, na Argentina.





Há muitas versões sobre a história do Gauchito Gil, personagem devoto de San La Muerte que o protegia de balas na guerra civil, hoje venerado nas estradas da Argentina com cruzes e oferendas. Em todas as versões foi degolado injustamente, mas antes invoca o sangue dos inocentes e adverte o algoz que seu filho ficará doente e que para curá-lo o algoz deverá rezar ao nome de Gauchito Gil. Mais uma vez o milagre do perdão consolida a lenda. A venda de imagens na região e as oferendas na região do Chaco Argentino mostram a importância regional deste personagem.



Preservativos usados, seringas descartáveis em crescente diminuição (sinais de mudança nos hábitos do consumo de drogas ilícitas), velas queimadas, “vestígios de oferendas aos espíritos”, pés sem o par de sandálias arreventadas, calcinhas enroladas, entre outros objetos encontrados no trabalho arqueológico de um cemitério do tempo presente.

Qualificam uma outra estética da morte, que, todavia não é necessariamente subversiva ou representante da ordem. O sexo e a morte “podem ser a dança da vida para aqueles que sabem os passos” (referência a Octavio Paz em “O Labirinto da Solidão”) pode ser uma celebração da vida no “espaço que os vivos” constroem para os seus mortos.

A metáfora dos espelhos (cemitérios e fotografias) ainda é muito forte para pensarmos “a natureza da nossa realidade geográfica”.

Rituais e vandalismo são comuns no Cemitério Municipal São Francisco de Paula (Curitiba-PR)

A morte é um espelho que reflete as gesticulações vãs da vida. Toda esta matizada fusão de atos, omissões, arrependimentos e tentativas – obras e sobras – que é cada vida, encontra na morte, senão o sentido ou a explicação, o fim. Diante dela nossa vida se desenha e imobiliza. Antes de desmoronar e fundir-se ao nada, é esculpida e toma forma imutável: já não nos modificaremos, a não ser para desaparecer. Nossa morte ilumina a nossa vida. Se a nossa morte carece de sentido, também a nossa vida não o teve. Por isso, quando alguém morre de morte violenta, costumamos dizer: “estava procurando”. E é verdade, cada qual tem a morte que procura, a morte que constrói para si mesmo. Morte cristã ou morte de cachorro são maneiras de morrer que refletem maneiras de viver. Se a morte nos trai e morremos de uma maneira ruim, todos se lamentam: é preciso morrer como se viveu. A morte é intransferível, como a vida. Se não morremos como vivemos, é porque realmente não foi a nossa vida que vivemos: não nos pertencia, como não nos pertence, a má sorte que nos mata. Dize-me como morres e dir-te-ei quem és. Para os antigos mexicanos a oposição entre morte e vida não era tão absoluta quanto para nós. A vida se prolonga na morte.

Octavio Paz, 2006, p. 51-52.



Monumento em homenagem às vítimas de fuzilamento em 1976, em Margarita Belén, na região do Chaco, entre Paraguai e Argentina. A representação realista da execução propõe uma advertência contra o absurdo da ditadura e das arbitrariedades em sociedades doentes.

DIGRESSÃO SOCIOLÓGICA: GEOGRAFIA DA DENÚNCIA SOCIAL E SUA ESPACIALIZAÇÃO GEOLÓGICA

Também a morte habita os garimpos de ouro de Matupá-MT. Corpos não identificados são estendidos em mesas de tábuas, corpos indígenas e enfileirados esperando um anônimo sepultamento. Ou se queima o trabalho na zona de baixo meretrício ou o forasteiro não voltará vivo para a sua casa após a odisseia em busca de tesouros terrestres (ouro, diamantes, pedras preciosas). Muitas prostitutas também morrem como adornos do cenário de um filme realista (detalhes da câmera escura).

Por vezes, a grandiosidade das rochas ao fundo da fotografia atestam a quase insignificância das pequenas sepulturas, mas logo o olhar pode ser “mirado” por uma flor com aparência plástica que é figura central no “enquadramento” (referência a “Quadros da Natureza” - Humana) - (Alexander Von Humboldt?). E OLHO humano?

Inspirado em relatos de Pedro Nabozny que trabalhou no final da década de 1980 no transporte de garimpeiros de ouro no norte do estado do Mato Grosso.

A leveza da estrutura e o dia ensolarado atraem usuários que não se importam com a função do abrigo. Talvez o peso simbólico atribuído aos cemitérios seja psicológico e a morte como um fato natural deva ser mais bem compreendida do ponto de vista sociocultural. Cemitério Municipal de Castro, Paraná.



RELICÁRIOS E EPITÁFIOS

Algumas figuras de “fé” parecem terem sido abandonadas por seus mortos em “pequenos cantos/quaisquer” na pequena cidade que existe sem parecer produzir necrochorume. Estética da morte: paisagens de cemitérios. Mosaicos da história **geográfica humana** na Terra?

PARA ALÉM DO TEXTO

Escrita dos desejos de mudar o mundo. Rupturas, revoluções, transformações, entre outros elementos de ações sociais “autênticas, verdadeiras, cientificamente consolidadas, socialmente referendadas”, *entre outros adjetivos das lutas sociais do “mundo contemporâneo”*. Inclusive das ações anárquicas e poéticas, sistematicamente excluídas do campo científico “verdadeiro”.

Como uma fotografia?

<Uma experiência de vida: intervenção estética do encontro entre a Fotografia e Geografia, feito por Andrea Rita>



Preocupação com a segurança no trabalho de garimpagem de opalas no Piauí. No garimpo do Mamoeiro, em Pedro II, os veios enriquecidos com a pedra preciosa encontram-se cada vez mais profundos, o que obriga a retirada de terra manualmente em barrancos de quase dez metros, semelhante aos barrancos de Serra Pelada. Até o momento deste registro (2011) o aviso parecia estar funcionando bem, já que não havia sido registrado nenhum acidente fatal. De fato parece haver uma profunda relação simbólica do homem com aquela que é a única coisa certa na vida de todos nós.

ÍNDICE

- 08 Modelos, materiais e métodos. Um anti relatório de iniciação científica
- 05 Estética da morte: paisagens de cemitérios
- 06 Leituras em ambientes pós-coloniais?
- 11 A morte e as cidades, uma narrativa racionalista
- 11 CAMPOS SANTOS
- 21 Santos e linguagens, religiosidade, misticismo. Saravá pra ti também!
- 21 SIMBOLOGIA E FÉ
- 28 ARTE E INTERFERÊNCIAS
- 36 DESERTO E MONTANHA
- 36 Trilhas Sonoras e Funerais
- 51 OS MORTOS E OS VIVOS
- 61 Relicários e epitáfios
- 61 Para além do texto
- 64 Inspirações e referências citadas

INSPIRAÇÕES E REFERÊNCIAS CITADAS

ANGRA. **Angels Cry**. São Paulo: Gravadora Eldorado, 1993 (cd).

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 312 p.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006, 108 p.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 18 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 150 p.

GRASSI, Clarissa. **Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula** – arte e memória do espaço urbano. Edição do autor, 2014. 304 p.

GRASSI, Clarissa. **Memento Mortuorum**: inventário do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Curitiba: Edição do autor, 2016. 104 p.

HOLLANDA, Chico Buarque de. Funeral de um lavrador. In: **Chico Buarque de Hollanda Vol.3** (1968). São Paulo: Abril Coleções, 2010 (cd).

LICCARDO Antonio. **La pietra e l'uomo – Cantaria e Entalhe em Curitiba**. São Paulo, Beca-Ball Edições, 2010. 156 p.

MARANHÃO, José Luiz de Sousa. **O que é morte**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 77 p.

MAUTNER, Jorge. Morre-se Assim. In: **O Filho do Holocausto**. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2012 (cd).

NABOZNY, Almir. O Espaço Simbólico da Elite Pontagrossense: Cemitério Municipal São José. In: **Semana de História 2003**. Ponta Grossa: UEPG, 2003. v.1. p.19.

NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio José. Educação Geográfica no Cemitério: Que Espaço é Este? In: **I Encontro Sobre o Saber Escolar e o Conhecimento Geográfico**, 2005. Ponta Grossa: UEPG, 2005. p.30.

NABOZNY, Almir. **Meninas Prostituídas e suas Geo-Grafias**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. 176 p

NABOZNY, Andrea Rita da Silva. O uso da fotografia como elemento de interpretação das práticas socioculturais em Ponta Grossa-PR. In: **VIII Simpósio Paranaense de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia**. As Fronteiras da Ciência Geográfica: Avanços e Possibilidades. UNIOESTE: Marechal Cândido Rondon, 2016. p.1142-1149. Disponível em: http://www5.unioeste.br/eventos/simpgeo/doc/Simpgeo2016anais_final.pdf. Acessado em 08 de dezembro de 2016.

PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 261 p.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da Morte**: Necrópole da Vida: Um Estudo Geográfico do Cemitério da Vila Formosa. São Paulo: Carthago Editorial, 2000. 108 p.

SALOMÃO, Waly. **Armarinho de Miudezas**. 2 ed. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado (Coleção Casa de Palavras), 1993. 127 p.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 207 p.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: EdUNESP, 2005. 374 p.

Ela é única, mas as representações construídas a partir de sua passagem são as mais diversas possíveis. Seja na figura da morte, do morto ou do morrer, a finitude da vida obriga o homem a dar destino aos seus cadáveres, escamoteando a extinção de sua existência, o não ser. A constituição de memórias através das práticas diversas de sepultamento demonstra momentos de aproximação e afastamento em relação ao morto.

É a partir da diversidade dessas manifestações e representações plasmadas em túmulos e cemitérios que “Estética da Morte – Paisagens de Cemitérios” discorre sua narrativa imagética e textual. Da singela flor de papel ornamentando a sepultura no deserto do Atacama à alegoria à ascensão de tamanho natural em mármore de Carrara na necrópole curitibana, as imagens de Liccardo transitam pelo fio da moira reiterando contrastantes representações àqueles que partiram, enquanto Nabozny instiga o leitor a refletir constantemente sua relação com a finitude.

Para além da abordagem das paisagens cemiteriais – contextualizadas por autores basilares e por imagens singulares de cemitérios tão plurais em suas configurações – “Estética da Morte” é informativo e provocativo. Ao mesmo tempo em que coloca-nos em xeque sobre as convicções que sustentamos (ou fugimos), desencadeia a reflexividade do tema morte e morrer.

Clarissa Grassi

*Pesquisadora do patrimônio cultural em cemitérios -
autora do Guia de Visitação e do Inventário do Cemitério
São Francisco de Paula, em Curitiba.*

ALMIR NABOZNY é doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professor adjunto na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Tem interesse em estudos nas áreas de interface entre Geografia, Epistemologia e História dos Conhecimentos e Saberes Geográficos.

ANTONIO LICCARDO é geólogo de formação e professor na Universidade Estadual de Ponta Grossa desde 2010. Como fotógrafo registra diferentes aspectos do cotidiano e da natureza desde 1983, com vários livros publicados e exposições de imagens em museus e instituições culturais. Em suas viagens como pesquisador, ao longo dos anos vem registrando fragmentos de diferentes paisagens em 16 países. Sobre a temática dos cemitérios pesquisa as suas relações com a geodiversidade desde 2011, participando de levantamentos sobre o uso de rochas nos cemitérios de Curitiba.

Os cemitérios são paisagens que sempre nos confrontarão sobre o significado e o sentido da existência do outro e de nós mesmos. *Estética da Morte – Paisagens de Cemitérios* nos traz o prazer estético da Arte, da visualidade a partir da fotografia e o prazer enigmático da busca por respostas sobre a relação entre vida e morte. A cada imagem, a cada linha de texto, somos compelidos a admitir nossa frágil existência humana, a qual um dia fará parte da paisagem que agora se apresenta.

Nelson Silva Júnior



UEPG
Universidade Estadual de Ponta Grossa

série
referência

ISBN: 978-85-67798-95-0